

*"O gênio tumultuário da raça":
guerra e política no discurso
histórico-literário de Roque Callage*

Luciana Murari

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil

Resumo: Este texto analisa a representação da guerra na obra de Roque Callage, buscando acompanhar a incorporação do discurso histórico à narrativa literária e identificar a criação e difusão dos mitos da identidade gaúcha. A partir da leitura de suas obras de natureza ficcional e ensaística, busca-se também compreender as formas de instrumentalização política destes mitos, no contexto da contemporaneidade do escritor. Desta forma, é enfatizada a natureza pedagógica e mobilizadora de seu discurso, pois a percepção do passado veicula uma identidade regional determinada pela pretensa "vocação bélica" do povo gaúcho, elemento de continuidade entre o passado e o presente do estado.

Palavras-chave: Literatura regionalista gaúcha; Roque Callage (1888–1931); República Velha (1889–1930); identidade regional; história do Rio Grande do Sul

Abstract: This article aims to analyze the representation of war in the works of Roque Callage. We intend to understand how literary narrative and historical discourse created and diffused regional identity myths in Rio Grande do Sul. From interpretation of his fiction and essay writing, we look forward to identify the instrumentalization of these myths, on the author's historical context. Thus, the political nature of his literature is emphasized, as regional identity is defined by the vocation to war, which presumably unites past and present.

Keywords: Regionalist literature in Rio Grande do Sul; Roque Callage (1888–1931); Old Republic (1889–1930); regional identity; history of Rio Grande do Sul

O estudo dos cruzamentos entre história e literatura pode ser realizado a partir de diferentes abordagens e pressupostos teóricos: a literatura como fonte de informação sobre o passado; as estratégias literárias de elaboração do texto historiográfico; a ficção como veículo de projetos históricos alternativos; a representação – comum a ambas – de fatos verossímeis, através da organização da percepção do tempo pela narrativa. É também possível tomar como ponto de partida o reconhecimento da participação do discurso literário na formação das identidades coletivas, através da difusão e da fixação do sentido de compartilhamento da experiência, processo participante da legitimação social das modernas instituições políticas.¹ A partir deste princípio, buscamos analisar a forma como o discurso histórico foi incorporado à produção literária no Rio Grande do Sul da República Velha, sobretudo por meio da representação textual do passado de guerras que notabilizava o estado no contexto nacional. Para tal, tomaremos como referência a obra do escritor santa-mariense Roque Callage.

Ao falecer, em 1931, Callage era um dos intelectuais de maior renome no estado. Ele havia construído uma sólida reputação no jornalismo, sobretudo como cronista da vida urbana, responsável pela coluna “A Cidade”, publicada no “Diário de Notícias”. A coluna, que alcançou notável repercussão entre a população de Porto Alegre, era um dinâmico mosaico do cotidiano da capital sul-rio-grandense, vista a partir de um desejo de modernidade que se expressava tanto na demanda por aprimoramento material, sobretudo sob a forma de obras de infra-estrutura, quanto na renovação dos costumes, dos valores e da estética vigentes. Além disso, o escritor havia se celebrizado nos meios literários como autor de coletâneas de contos regionalistas que ajudaram a firmar o primado do gênero na literatura do estado. Em “Terra Gaúcha”, “Rincão” e “Quero-quero”, Callage exibia o avesso de sua face de cronista urbano, voltando-se para o tradicional e decadente universo social da Campanha gaúcha. Espaço simbólico da fixação da identidade social sul-rio-grandense, a Campanha foi a terra de origem dos principais emblemas da cultura gauchesca, do tipo humano e dos elementos de sua vida material às paisagens típicas e narrativas exemplares que, ainda hoje, constituem o acervo dos movimentos tradicionalistas devotados ao culto das origens regionais. Ao lado destas obras, o escritor publicou também duas coletâneas de ensaios, “Terra Natal” e “No fogão do gaúcho”, em que são explicitados os fundamentos ideológicos que alimentavam sua produção regionalista.

1 Como referência fundamental para esta discussão, ressaltamos ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

As duas faces da produção intelectual de Callage, o rural e o urbano como expressões da tradição e da modernidade, estão longe de serem contraditórias entre si. Isto porque a formação do imaginário moderno depende, em grande parte, de uma retomada empática da época dita “pré-moderna”, por meio da criação de símbolos da identidade social construídos como marcas de continuidade capazes de atualizar o vivido, reformulando-o e tornando-o acessível no presente. Dá-se, assim, aquilo que Gerard Delanty define como a “apropriação crítica da tradição”, pois a modernidade nutre-se da constante reinterpretação criativa do patrimônio coletivo, que vai sendo incorporado a ela como fonte dos sentidos de identidade e de comunidade.² A literatura regionalista pode ser vista a partir de sua inclusão neste processo, havendo-se consagrado como farto conjunto textual em que as dimensões da narrativa, da paisagem e da história cruzam-se, difundindo um discurso moderno acerca dos universos tidos como tradicionais, seja pela recuperação etnográfica da cultura popular, pela consagração de referentes espaciais ou pela incorporação da narrativa oral à cultura escrita. Compreende-se, portanto, que o entusiasta comentarista das novidades urbanas e o nostálgico narrador das histórias do pampa gaúcho, encarnados por Roque Callage, assumam um mesmo projeto intelectual, que tem como fulcro a percepção da modernidade como um processo de constante transformação da experiência. Seu necessário contrapeso – e não seu oposto – é a tradição, que, incorporada à cultura moderna, confere uma imagem de estabilidade à vida social.³ Esta tradição assume a forma da continuidade com o passado, evocando o tempo profundo dos mitos e das lendas – notadamente, no caso do Rio Grande do Sul, através da idealização de uma “idade de ouro” pré-capitalista onde os valores humanos comunitaristas seriam capazes de se sobrepor aos interesses de indivíduos ou classes sociais específicas.

No presente trabalho, concentraremos nossa atenção na obra regionalista de Callage, especialmente por estar esta mais vinculada a sua percepção da história, já que o regionalismo literário gaúcho assumiu a recriação e o culto do passado como fundamentos de seu programa ideológico. Neste contexto, a guerra configurou-se não apenas como um dos temas principais desta literatura, mas também como um de seus eixos organizadores.

*“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage*

133

2 DELANTY, Gerard. **Modernity and postmodernity: knowledge, power and the self.** London: Sage, 2000. p. 32. Para uma abordagem historiográfica desta discussão, ver THIESSE, Anne-Marie. **La modernisation du passé** au XIX^e siècle. Austin, 29 out. 2005. <http://www.utexas.edu/cola/insts/france-ut/archives/Fall2005/thiesse.pdf>. Acesso em 09/01/2009.

3 MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil.** 1870-1922. São Paulo: Alameda; Fapesp, 2009. c. 3.

Isto se explica não apenas pelo peso dos confrontos bélicos na história do Rio Grande do Sul, como também pelo contexto político peculiar nele vivido no início do século XX, período em que o gênero se consagra como expressão por excelência de sua literatura. Recorde-se que, desde o século XVIII, intensos conflitos de fronteira marcaram a tardia incorporação do território do estado aos domínios portugueses. Estes conflitos prosseguiram após a Independência, fortalecendo a militarização do Rio Grande do Sul que, além de travar a mais longa guerra civil brasileira, a Revolução Farroupilha (1835-1845), envolveu-se intensamente nas guerras platinas e na Guerra do Paraguai. A República assistiu ao recrudescimento da pro-palada “vocação bélica” do estado, com a irrupção da violenta Revolução Federalista (1893-1895)   qual se seguiu um período marcado por conflitos dispersos, mas constantes, relacionados à radicalização da polarização política do Rio Grande do Sul, dividido entre o situacionismo autoritário do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), liderado por Borges de Medeiros, e as oposições.⁴ Estas foram completamente alijadas de participação política até 1923, quando uma nova guerra, a Revolução Assisista, forçou o regime a uma maior abertura em direção a grupos políticos dissidentes e de oposição. A República Velha foi, portanto, simultaneamente, um período de ressignificação das antigas guerras gaúchas – sob o ponto de vista do republicanismo e da criação da identidade regional, num momento de exacerbação do federalismo –, e de acentuada tensão política. No campo da escrita literária, isto impulsionou a prosa regionalista a uma radicalização das representações da violência.

Em uma de suas primeiras obras, a coletânea de contos “Terra gaúcha”, de 1914, Roque Callage elabora uma de suas mais didáticas celebrações do espírito guerreiro do Rio Grande do Sul, a partir de um evento imaginário situado nos últimos dias da Revolução Farroupilha. Para tal, uma trajetória individual é destacada da narrativa literária de fundo histórico, povoada de referências aos homens e lugares célebres da Revolução, de forma que um homem comum   alçado   condição heroica, expressão de uma exemplaridade que o converte em representante de todo o povo, ou, dito de outra forma, na encarnação do espírito gaúcho. O que há de excepcional na história do tenente Januário Pedroso não são as circunstâncias de sua morte, que se d  depois da retirada, mas sua cega dedicação aos princípios que o moviam. Condição para o exercício de seu papel histórico é, na definição do autor, a submissão do “her e an nimo”   vontade dos

4 Borges de Medeiros assumiu a lideranç a do PRR em 1903, e ocupou a presidência do estado por 25 anos. Sobre a vida política do Rio Grande do Sul na República Velha, ver LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

líderes, o que devolve a personagem a sua dimensão diminuta no contexto da guerra. Ao mesmo tempo, é enfatizada a necessária introjeção, pelos homens comuns, do espírito marcial e de seus valores, sobretudo a honra, a persistência, a lealdade aos chefes, a capacidade de renúncia, e a assimilação de um ideal de liberdade que, em diferentes contextos, pode ser associado a diferentes projetos. “Acima de tudo estava a liberdade dos pagos, do altivo fogão gaúcho”. É, portanto, inegável, o sentido didático e mobilizador assumido pela literatura regionalista neste momento, e encampado por ela como parte de sua plataforma de promover a autenticação cultural de uma identidade que se constrói, também, a partir de ideais políticos.

O sangue da revolução, o ideal de uma liberdade absoluta, anunciada pelos arautos gauchescos, de pago em pago, de coxilha em coxilha, de serra em serra, emancipando o torrão querido da vontade prepotente do Imperio que estendia os seus braços de ferro até a ultima linha das fronteiras do sul, alteavam-lhe na alma indomável de revél, a chamma da revolta, o sonho da conquista, depurando-se, como resultado de todas as suas energias, um caudilho submisso, ás ordens de Bento Gonçalves e Canabarro.⁵

Não é, entretanto, sem ambiguidade, que a guerra é colocada no centro da literatura regionalista. A consagração da Guerra dos Farrapos como evento maior da história regional dependeu da elaboração de uma versão dos fatos que fosse compatível com o nacionalismo e com o regionalismo. Ou seja, primeiro na literatura, e depois na historiografia, a Revolução foi lida tanto como evento patriótico quanto como elemento de unidade interna, quando, na verdade dos fatos, não pode ser ignorado o rumo separatista assumido pelos rebeldes, e nem a divisão da então província, durante a guerra, entre os partidários da revolução e os defensores da legalidade. Estas duas operações ideológicas deram origem a diversos textos literários voltados para a homenagem aos farroupilhas como líderes de uma revolta de cunho nacionalista e como profetas do republicanismo, lutando em uma província unida contra a tirania do centro político.⁶ Expurgada de seus elementos potencialmente problemáticos do ponto de vista regionalista e nacionalista, a Revolução pôde consolidar-se como o grande evento heroico da história do Rio Grande do Sul.

5 Em todas as citações diretas dos textos de Callage será mantida a ortografia da edição citada. CALLAGE, Roque. Herói. In: **Terra gaúcha**. Scenas da vida riograndense. [Porto Alegre], s/e, 1914. p. 17-26. Citações: p. 22.

6 Ver, por exemplo: BARNASQUE, Clemenciano. Velha Nenia. In: **No pago**. Manchas pampeanas. 2ª ed. aumentada. Porto Alegre: Globo, 1926. p. 83-84. MAIA, João. O cenário. In: **Pampa**. Episódios regionalistas. Porto Alegre: Globo, 1925. p. 5-15.

“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage

Por outro lado, a Revolução Federalista, que opôs os líderes do PRR às oposições liberais na luta pelo poder após a Proclamação da República, foi definida como uma guerra fratricida e, o mais frequentemente, condenada pela literatura regionalista como um evento negro da história do estado. O próprio Callage dá exemplo disto, pois, se em alguns momentos a cita no rol das grandes manifestações do espírito guerreiro do gaúcho, em outros a descreve como um evento trágico e autodestrutivo. É o caso do conto “Bandido”, publicado em 1921, em que a genealogia da personagem central remete ao avô, um bravo defensor das fronteiras lusas frente às ameaças de Artigas, e ao pai, um guerreiro ativo durante a Revolução Farroupilha e a Guerra contra Oribe e Rosas. Neto e filho de heróis, Pedruca Pereira, soldado na Revolução Federalista, é definido como o portador da frieza de um “criminoso nato”, na linguagem científicista ainda em voga em alguns meios intelectuais. Dramatizando a degeneração de uma estirpe heroica, Callage cria um protagonista isento de idealismo e freios morais, envolvido na guerra pelo simples prazer de matar. Desta forma, a Revolução Federalista surge, aos olhos do leitor, como uma espécie de perversão da vocação bélica do estado, tendo gerado, de fato, uma radicalização da polarização política e dos ódios partidários, cujos resultados eram perceptíveis no momento em que o escritor atuava.⁷

Certamente, a criação de uma mística autocongratatória devotada à exaltação do belicismo gaúcho foi uma empreitada cultural de longa duração e alcance, mas que, durante a República Velha, viu-se notavelmente perturbada pelos conflitos políticos regionais daquele período. É o que se observa na crônica “Alma heroica”, publicada por Roque Callage em 1920, que pode ser lida como a síntese de sua contribuição ao movimento intelectual de modelagem da história gaúcha então vivido no estado. “Só mesmo se computando todos os factos da nossa atualidade, deste grande momento, quiçá incerto, do nosso destino, é que se póde avaliar com precisão de como foi, por aqui, a existência do homem aí affrontando a temeridade das luctas iniciaes”, inicia o escritor, já ilustrando como a atribuição de sentido ao passado de guerras do Rio Grande do Sul dependia da compreensão daquele momento presente, em que a imposição do poder do Partido Republicano fazia-se ao custo da adoção de um regime político autoritário e centralizador, que havia eliminado as oposições do jogo político.⁸ O que se segue é um discurso em que uma longa continuidade

7 CALLAGE, Roque. Bandido. In: **Rincão**. Scenas da vida gaúcha. Porto Alegre: Augusto Corrêa & Dania, 1921. p. 109-117.

8 CALLAGE, Roque. Alma heroica. In: **Terra Natal**. Aspectos e impressões do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920. p. 101-104. Citação: p. 101.

histórica é posta a ilustrar a índole marcial do gaúcho, discurso repetido inúmeras vezes pelos intelectuais sul-rio-grandenses como uma forma de naturalização da história: condenado pela “fatalidade geográfica” à condição de sentinela dos domínios lusos em face da dita “barbárie hispânica”, este povo teria aprendido, desde cedo, a significar a vida a partir da causa defensiva, o que explicaria a função orgânica assumida pelo estado no contexto brasileiro, e sua condição algo messiânica de elemento garantidor da unidade política nacional.

Na expressão de Callage, a história cavaleiresca do Rio Grande do Sul – naquele momento menos exercitada pela historiografia propriamente dita, ainda em germe, que pelo publicismo e pela literatura – mesclava-se à lenda. E, de fato, a literatura foi um dos principais canais para a criação de uma mística do passado gaúcho, conferindo aos fatos históricos significações peculiares na trajetória evolutiva do estado e, subsequentemente, do país. Lembre-se que, no programa ideológico do regionalismo da República Velha, as identidades parciais incorporadas pelos estados eram submetidas às prerrogativas do nacional, ao qual se devia uma lealdade superior. Na versão de Callage, o povo gaúcho seria o herdeiro da velha estirpe açoriana que simbolizaria a “idade de ouro” de Portugal, havendo transmitido a sua descendência todo o vigor que encaminhara o país à conquista dos mares. Como vemos, a mistificação das origens gaúchas busca raízes profundas, e se estende ao longo do tempo como comprovação do que seria um determinismo geográfico e racial, ditado pela formação do homem gaúcho como um mestiço entre o tipo indígena e o elemento português. “Na guerra cabia-nos a perigosa primasia das cargas; na paz sobrava-nos tempo, apenas, para nos preparar para a guerra”, escreve o autor, resumindo a trajetória histórica do Rio Grande do Sul como um movimento cíclico, que tem a guerra como ponto de referência.⁹

Após enumerar eventos históricos fundadores como a queda do forte de Santa Tecla e a fundação da Colônia de Sacramento, a narrativa de Callage em “Alma heroica” chega ao que ele denominou a “maior epopéia de bravura sul-americana – a guerra civil de 35”.¹⁰ A Revolução Farroupilha foi, de fato, abundante manancial de onde derivaram os mais importantes elementos simbólicos definidores da identidade regional, tanto no discurso oficial quanto no imaginário popular: lugares sagrados, heróis e anti-heróis, hino e bandeira, poesia e mitologia. Foi também a origem de um modelo de narrativa épica capaz de transitar entre a história e a litera-

*“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage*

137

9 CALLAGE, R. Op. cit. nota 8, p. 102.

10 CALLAGE, R. Op. cit. nota 8, p. 103.

tura ficcional, de José de Alencar a Érico Veríssimo. Roque Callage, assim como seus contemporâneos, consagrou a Revolução como núcleo imaginário a partir do qual se formaram os juízos acerca dos eventos anteriores – no caso, é citada a conquista das Missões espanholas em 1801, na qual se teria observado “a mesma alma insubmissa”, – e posteriores, sobretudo a Revolução Federalista, no início da República Velha. Neste ponto, observa-se o quanto a conjuntura política de seu tempo modelou a percepção do passado então assumida pelo escritor. Em suas palavras:

“Até bem pouco não havíamos desmentido um só episódio dos avoengos que caíram vencidos, com honra, no verde tumulto anonymo das coxilhas. Perpetuámos, até as raias da temeridade, ali por volta do primeiro lustro da Republica, o mesmo valor, a mesma altivez, o mesmo aneio de liberdade, o mesmo desejo ardente de justiça. Depois...”

As reticências dão conta de uma contemporaneidade que, na visão do autor, traía a vocação guerreira do estado, evocada por ele a partir de eventos consagrados pela escrita histórica e literária como a natural expressão da identidade gaúcha. “Invoquemos agóra, neste triste momento de subserviência passiva, neste doloroso momento de commodismo moral, a acção dos grandes heróes que nos libertaram”.¹¹ A história bélica do Rio Grande do Sul vê-se, neste momento, convertida por Callage em um apelo a seu próprio tempo, sendo a guerra o instrumento legítimo da vitória sobre a tirania, no caso aquela exercida por Borges de Medeiros e pela máquina política do PRR. Os mortos falam aos vivos, a história fala à política, o que torna mais do que compreensível a exacerbação do espírito de glorificação do passado assumido naquele momento pelo escritor.

Esta convocação à revolta demonstra seu alinhamento às hostes oposicionistas, o que ficaria ainda mais patente por ocasião da Revolução Assisista, em 1923, liderada por Assis Brasil, chefe político e candidato derrotado à presidência do estado na eleição ocorrida naquele ano. O discurso de Callage assume, então, sua dimensão utilitária, servindo-se ele de seu prestígio intelectual para fazer da escrita um instrumento de luta. Como vimos, seus textos anteriores haviam já trabalhado para a legitimação da guerra como vocação histórica inamovível do povo gaúcho, legítima expressão da dita “alma heroica” do estado, mas “O drama das coxilhas: episódios da revolução rio-grandense – 1923” radicaliza o sentido do engajamento em sua obra. Publicado em São Paulo, por Monteiro Lobato, e

11 CALLAGE, R. Op. cit. nota 8, p. 104.

datado do mês de agosto, quando a guerra ainda não havia sido encerrada, o livro mobiliza estratégias discursivas próprias ao jornalismo e à literatura para difundir sua própria versão do conflito. São histórias curtas que encenam, a partir da narrativa de fatos extremos ou de comportamentos exemplares, muitos deles familiares ao universo temático da literatura regionalista, a luta do bem contra o mal, da liberdade contra o despotismo. Já na introdução do livro, o autor o coloca a serviço da causa oposicionista, veiculando o apelo à intervenção federal que, desde o início da guerra, foi a grande esperança de vitória dos assististas. A publicação do texto fora do estado contribuiria, certamente, para a difusão do apelo dos revolucionários, talvez alcançando novas forças políticas em nível nacional. Por outro lado, o argumento do abandono do Rio Grande do Sul pela “Mãe-pátria”, utilizado pelo escritor, faz apelo à ideia de que naturalmente cabia à Federação socorrer os estados nos momentos de necessidade extrema, argumento que, no contexto do pacto político em vigor na República Velha, esbarrava nos arranjos de poder já consagrados. Este argumento supõe, decerto, que a intervenção não significaria uma tomada de partido por parte do governo federal, o que, de fato, não correspondia à realidade. Este era, entretanto, um dado relevante para a estratégia de convencimento elaborada por Callage.¹²

“O drama das coxilhas” interpreta a Revolução como um momento de desagravo em face da afronta representada pela usurpação da vontade popular através da fraude eleitoral, ou seja, o movimento é traduzido nos termos do tradicional código de honra gauchesco, e é fazendo apelo a ele que o escritor espera atingir a sensibilidade do leitor. Decerto, o texto de Callage representa a guerra de acordo com as convenções estabelecidas pela literatura regionalista, em seu projeto de afirmação da identidade sul-rio-grandense a partir de uma série de elementos simbólicos capazes de traduzir o que seria a “alma popular” do gaúcho. Devotada aos espaços sociais remanescentes da “tradição” – que passa a ser incorporada à cultura hegemônica justamente pelo regionalismo, em suas diversas manifestações –, esta literatura demonstra sua complexa relação com a modernidade, visível, sobretudo, através das inovações tecnológicas que representavam uma radical transformação dos modos de vida das comunidades rurais e nos meios de inserção da população pobre no sistema produtivo. Ao contrário do entusiasmo que o cronista urbano Roque Callage devotava às novidades modernas, em seus textos regionalistas o escritor trata esta questão com ambiguidade, o que se reflete em seu livro sobre a

“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage

139

12 CALLAGE, Roque. Ao leitor. In: **O drama das coxilhas**. Episódios da revolução riograndense – 1923. São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1923. p. 7–8.

Revolução Assisista. Neste momento, o escritor faz apelo à célebre “vocaçãõ bélica” do gaúcho – como vimos, estabelecida a partir do discurso da história – como forma de mobilização das forças opositoristas, em nome da permanência do “Rio Grande d’outrora” no Rio Grande de seu tempo:

“Domina-o ainda, largas planuras interminas, escassas vias de communicaçãõ, limitado convívio com os centros urbanos do território. Por isso, nas attitudes bellicas de seu povo, no impulso rebelde de seus homens, não vence o civilizado trem de ferro, nem a vertigem das azas d’algum aeroplano extravagante. Vence, sim, aquelle que possuir o melhor cavallo, aquelle que estiver aparelhado para encurtar o terreno, illudir o inimigo, devassar os segredos do deserto...”¹³

Luciana
Murari

140

Desta forma, é reacesa a mística do “centauro dos pampas”, que celebra a simbiose do gaúcho e seu cavalo, um dos temas maiores do regionalismo no estado. As narrativas da guerra escritas por Callage são desenvolvidas a partir de um princípio de continuidade com os tempos heroicos do passado, consagrados pela literatura e pela historiografia. Vemos, assim, desfilar em sua narrativa personagens como o “velho guerreiro” farroupilha que, em seu último momento de vida, pede montaria para lutar ao lado dos revolucionários, e o jovem de quinze anos que mal podia sustentar o peso das armas, mas que “tinha como um dever sagrado, em dar também o seu sangue em holocausto á redempção almejada”.¹⁴ Como uma “fatalidade étnica”, a luta define a natureza do homem da Campanha, enquanto a geografia de campinas determina a dinâmica do confronto, tanto na contemporaneidade do escritor quanto no passado, pois “os episódios de hoje, em que a mesma bravura dos ginetes reaparece empolgante, são idênticas reproduções de factos anteriores (...)”¹⁵. Igualmente, a repetição das cenas de degola remete à memória da Revolução Federalista: “Não se modificára o Rio Grande. Ainda era o mesmo de 93...”.¹⁶ O elogio da continuidade é observado também na recusa do autor em reconhecer qualquer mérito nas inovações tecnológicas da guerra, como o uso de aviões – em parte, é claro, porque promovidas pelas forças governistas, mas também porque isto era coerente com uma visão da guerra que busca legitimação no cumprimento daquela que seria a “missão histórica” do Rio Grande do

13 CALLAGE, R. Corcéis. In: Op. cit. nota 12, p. 27-34. Citação: p. 30.

14 CALLAGE, R. Velho guerreiro. In: Op. cit. nota 12, p. 19-25. CALLAGE, Roque. Victorioso. In: Op. cit. nota 12. p. 49-54. Citação: p. 53.

15 CALLAGE, R. Op. cit. nota 13, p. 33-34.

16 CALLAGE, R. Boi preto. In: Op., cit. nota 12, p. 35-40. Citação: p. 39.

Sul, que se estende no tempo desde os primeiros conflitos de fronteira.¹⁷ Esta “missão” é culturalmente atualizada pelo regionalismo, que revalida a guerra como instrumento legítimo de promoção da mudança política.

Peça de propaganda, em momento algum “O drama das coxilhas” concebe qualquer legitimidade ao regime político instituído pelo PRR, assimilado ao exercício discricionário do poder. Compreende-se, portanto, que a construção da imagem do inimigo seja um dos temas principais do livro, o que confere a ele um tom maniqueísta, uma vez que suas narrativas se dividem entre a glorificação do heroísmo revolucionário e a detração das práticas adotadas pelas forças governistas durante o conflito. Por isto, o escritor cuida de garantir crédito a suas narrativas, ao afirmar, na introdução, sua intenção de “apanhar com fidelidade, sem o menor retoque, alguns flagrantes do drama formidável que a esta hora prossegue, mais intenso e violento, no dorso das coxilhas gaúchas”.¹⁸ A tipificação do inimigo manifesta-se, por exemplo, na denúncia do desrespeito às convenções da guerra pelos defensores do governo, numa ocasião em que a bandeira branca teria sido utilizada como um estratagema para ludibriar os assistidos, atraindo-os para o fuzilamento no campo inimigo. Em outro episódio, Callage ataca a “ilegal e brutal” lei das requisições, “espécie de abigeato oficial” exercida livremente, segundo ele, por qualquer autoridade pública, mesmo “o mais bronco policial, o mais perverso brigadiano”, como no exemplo citado, em que um colono pobre tem a maior parte de seu patrimônio – quatro mulas – requisitado por uma escolta, recebendo ainda a ameaça de que, da próxima vez, lhe levariam as filhas.¹⁹ O caso é ilustrativo de um comportamento arbitrário motivado pelo interesse pessoal e contrário aos valores morais, o que tem sua manifestação extrema no caso do estupro de uma criança de doze anos por soldados legalistas. Ressalte-se que estes dois últimos exemplos têm como vítimas colonos de origem italiana, o que remete não tanto à ascendência do autor – filho de um imigrante italiano – mas à valorização do elemento colonizador, que Callage havia já definido como “a grande força econômica do Estado”, ressaltando a ética do trabalho árduo associada a estes grupos sociais emergentes.²⁰

Do ponto de vista da caracterização dos “vilões” da guerra, a mais didática representação da maldade está nos mercenários uruguaios liderados por Nepomuceno Saraiva. Neste caso, fiel à lógica do elogio à permanência

*“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage*

141

17 CALLAGE, R. Icaro partido. In: Op. cit. nota 12, p. 137-144.

18 CALLAGE, R. Op. cit. nota 12. p. 8.

19 CALLAGE, R. Lei das requisições. In: Op. cit. nota 12, p. 75-79. Citações: p. 78.

20 CALLAGE, R. Elemento colonizador. In: Op. cit. nota 8, p. 63-69. Citação: p. 65.

histórica, a mudança é traduzida como degenerescência, imagem já utilizada por Callage no conto “Bandido”, citado acima. Descendente de uma família que havia dado origem a Gumerindo e Aparício Saraiva, combatentes de viva memória no Rio Grande do Sul e no Uruguai, Nepomuceno é caracterizado como fruto de uma involução histórica, do idealismo dos antigos à ambição desmedida dos contemporâneos, movidos exclusivamente por ambições pecuniárias e pelo instinto de “violar, roubar e matar”, a serviço da “legalidade truculenta”.²¹ Além disto, a contratação de castelhanos é observada sob o ponto de vista da tradicional inimizade histórica entre os elementos de origem lusa e os hispânicos, um dos temas principais do regionalismo gaúcho. O discurso de denúncia da desordem caudilhesca dos países vizinhos foi muitas vezes utilizado, por esta literatura, como um contraponto ao celebrado espírito de solidariedade coletiva, disciplina férrea e valorização da honra que caracterizaria o código da guerra entre os gaúchos brasileiros. No caso dos sangrentos combates travados na região de Alegrete durante a Revolução Assisista, escreve Callage, a “horda mercenária estabeleceu naquela zona o regimen do assassinato, do saque, da pilhagem, mas de uma maneira que só encontra simile na mais baixa, na mais aviltante deformação moral”. Ao fazer referência a algumas das cenas mais violentas do confronto, protagonizadas pelos mercenários uruguaios, o escritor parece novamente contar com o risco de despertar incredulidade, tomando o cuidado de evocar “testemunhos insuspeitos, homens de brio e de honra, frios às paixões partidárias”, como pouco antes já citara a observação de “pessoas de credito, inclusive officiaes do Exercito”.²² Enquanto isto, entre os partidários do governo, a devastação causada por Nepomuceno despertava sincera admiração e gratidão pelo fiel cumprimento do contrato firmado. A faca luzidia com que os legalistas presentearam o mercenário era, por isto, na visão de Callage, o espelho que, refletindo a fisionomia de um facínora, revelava a real natureza do regime político instituído no estado.²³

Por outro lado, na lógica dos rebeldes os interesses pessoais são desvestidos de legitimidade. O caso extremo é o de um conto em que um tenente revolucionário desdenha sua própria sobrevivência, declarando o retorno seguro ao lar e o reencontro com a família “coisas sem importância” quando comparadas com a defesa da “liberdade dos pagos, do altivo fogão gaúcho” – o escritor repete, aqui, a expressão que havia já sido formulada

21 CALLAGE, R. Barbaros. In: Op. cit. nota 12, p. 101-106. Citações: p. 105.

22 CALLAGE, R. Ibirapuitan. In: Op. cit. nota 12, p. 107-114. Citações: p. 113, 110.

23 CALLAGE, R. A faca de Nepomuceno. In: Op. cit. nota 12, p. 115-119.

em um conto de 1914, citado acima. Segundo ele, “o sangue generoso da revolução, um ideal mais bello, de liberdade mais ampla, annunciada de pago em pago, de coxilha em coxilha, de serra em serra, emancipando o torrão querido das garras que a vinte e cinco annos o retinham, ateavam na sua alma indomavel de revel, a chamma da revolta, o justo protesto dos offendidos.”²⁴ Contraposto à selvageria dos governistas, o espírito dos revolucionários manifesta-se no estrito cumprimento da palavra empenhada, mesmo em face do inimigo, na abnegação das mulheres, capazes de resistir com estoicismo à perda dos filhos e maridos, no sacrifício dos soldados que suportam até mesmo com alegria os sofrimentos impostos pelo inverno e pela escassez de recursos materiais entre os assistidas. “O drama das coxilhas” constrói-se, desta forma, a partir da mobilização das principais estratégias de valorização da identidade regional, tal como estas vinham sendo criadas e difundidas pela literatura do estado. Tanto na descrição do comportamento dos rebeldes, coerente com a nobilitação da atitude marcial empreendida pelo regionalismo, quanto na condenação do comportamento bárbaro do inimigo, salta aos olhos o tom hiperbólico do discurso do escritor, nesta obra voltada para a doutrinação do público e para o exercício de uma influência direta sobre a realidade.

A exaltação da identidade bélica do Rio Grande do Sul continuaria sendo um dos temas maiores da obra de Callage. Na segunda edição de “Rincão”, de 1924, o escritor publica um de seus textos mais representativos do ponto de vista da incorporação do discurso histórico à escrita literária. “A primeira escaramuça” é a expressão de um mito de origem, e seu próprio modo de enunciação demonstra o conteúdo pedagógico que a fundamenta: “Isto foi, patricios, no tempo em que o pago, tão cheio de promessas de bravura estava ainda no nascedouro”. Movendo-se entre a lenda e a verdade dos fatos históricos, a narração de Callage recupera o contexto que se segue à assinatura do Tratado de Madri, em 1750, em que as missões espanholas foram entregues a Portugal, em troca da Colônia de Sacramento. Na “bravura nomade do selvicola”, que resiste a abandonar as reduções jesuíticas, o escritor identifica o germe da identidade regional, a “primeira expressão typica do gaúcho, tal qual entraria para a historia um seculo depois”. Por outro lado, novamente, o espírito rebelde apenas tem sua legitimidade reconhecida à medida que os subordinados se curvam ao comando dos líderes: “Deu-se o levante immediato á ordem dos padres da Companhia”.²⁵

“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage

143

24 CALLAGE, R. Aos còrvos. In: Op. cit. nota 12, p. 81-93. Citações: p. 87, 88.

25 CALLAGE, Roque. A primeira escaramuça. In: **Rincão**. Scenas da vida gaúcha. 2ª ed. au-

No índio charrua, o escritor identifica um dos elementos étnicos decisivos para a formação do povo gaúcho como uma “raça”, ideia que conduziu a literatura regionalista a acentuar a importância da herança indígena, identificada com a habilidade para o trato com os cavalos, com o espírito de defesa da liberdade, com a vocação guerreira, com a tendência ao nomadismo.²⁶ Estas virtudes seriam personificadas por um dos líderes da resistência indígena, Sepé Tiaraju, convertido pela tradição popular na figura mística de “São Sepé”.²⁷ Na expressão eloquente de Callage: “Com elle nasceu o denodo das cargas de lança, o arremesso das quatro patas do cavallo na brutalidade violenta dos entreveiros; d’elle ainda copiou o Rio Grande, depois, o molde expressivo das suas attitudes caracteristicas de ataque ou de defeza.” Identificar a origem do comportamento guerreiro do gaúcho significa, portanto, descobrir sua própria gênese, no “sangue de heróe, sangue forte por onde se iria caldear e retemperar a energia dos futuros fronteiros das campinas riograndenses”. O escritor fortalece sua tese em defesa da figura de Sepé Tiaraju como primeiro herói do estado ao conectar este discurso sobre as guerras guaraníticas ao discurso sobre a Revolução Farroupilha, evocando uma suposta fala do general Netto que, de passagem pela região das Missões, teria assinalado a seus companheiros ser aquele o local de origem, palco da primeira grande luta: “Foi por ali que começamos”, escreve Callage, pretextando reproduzir a fala do líder rebelde.²⁸

De fato, as obras ficcionais de Roque Callage que se seguem à Revolução Assisista mantêm a centralidade da guerra como núcleo formador da identidade regional, ao mesmo tempo em que refletem o momento histórico de recomposição das forças políticas do estado, e apontam para sua futura pacificação. A expressão mais literal deste desejo de superação dos traumas da Revolução Federalista é o conto “O último...”, escrito a partir

mentada. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924. p. 19-24. Citação: p. 20.

26 Os traços característicos do homem gaúcho relacionados à ancestralidade indígena são, nas versões mais convencionais do regionalismo, positivamente significados, ainda que, em obras como “Ruínas Vivas”, de Alcides Maya, identifique-se a decadência da “raça gaúcha”, sendo alguns de seus aspectos associados às limitações à inserção da população rural pobre na vida política e, conseqüentemente, ao progresso social na região da Campanha. Sobre este aspecto da obra de Maya, ver: MURARI, Luciana. Água parada. O olhar da modernidade na ficção de Alcides Maya. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 34, p. 150-167, 2008.

27 Sobre a polêmica inclusão de Sepé Tiaraju na galeria dos heróis regionais, ver BRUM, Ceres Karam. **Esta terra tem dono**. Uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado em Antropologia Social. PPGAS/UFRGS, jan. 2005.

28 CALLAGE, R. Op. cit. nota 25, p. 23-24.

da imagem da degola, seu macabro símbolo. Neste conto, o capataz de uma estância encontra o cadáver de um degolado, preso a um tronco e já devorado pelos corvos, cena descrita pelo escritor com todo o gosto da literatura regional da época pelo grotesco realista-naturalista. Após referir as diversas formas do suplício, o autor reproduz as impressões do observador da cena, um homem do campo comum, ressaltando o quanto a degola feria os valores da honra pretensamente prezados pelo povo gaúcho: a morte vinha, naquele momento, não dos combates frente a frente no campo de batalha, mas covardemente, quando o inimigo havia já sido rendido. E, mais do que isto, a prática era utilizada também nos tempos de paz, o que demonstrava o quanto a violência havia-se arraigado nos modos de vida da plebe rural. O autor cita, neste ponto, a recorrência de “incontidos odios e vinganças incontidas”, referindo-se às tensões políticas que a vitória republicana na Revolução Federalista acabou por agravar. Em 1927, entretanto, quando é publicado este conto, o fim próximo da “Era Borges de Medeiros” alimentava expectativas. No ano seguinte, após a eleição de Getúlio Vargas para presidente do estado, formava-se a Frente Única Gaúcha (FUG), aliança que uniu republicanos e assististas.²⁹ É com entusiasmo, portanto, que Callage descreve a chegada de novos tempos, pretextando vislumbrar o degolado do conto como o último da história gaúcha:

“Aquelle, porém, seria o ultimo, a derradeira victima, pensava o campeiro. Bastava de sangue, bastava de crimes. Era chegada a hora do despertar de fraternos e generosos sentimentos. Com o martyrio e tripudio do guasca que ali estava diante dos seus olhos espantados e tristes, o pago querido se despedia da barbaria sem nome para abraçar a cordialidade e o trabalho, entrelaçando todos os patrícios num forte amplexo de amor e de respeito mutuo. Certamente, aquelle seria o ultimo... Certamente...”³⁰

E, de fato, daí em diante a militância política de Callage seria marcada pelo entusiasmo pela unificação política do Rio Grande do Sul, o que reacendeu seu discurso ufanista. Em 1929, o escritor retomava, com novo fôlego, a exaltação das virtudes bélicas do povo gaúcho, sobretudo no ensaio “A bravura da raça” publicado na coletânea de ensaios “No fogão do gaúcho”. Embora, retoricamente, dissesse reconhecer a dificuldade de es-

*“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage*

145

29 Ver ABREU, Luciano Aronne de. **Getúlio Vargas**: a construção de um mito (1928-1930). Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

30 CALLAGE, Roque. O ultimo... In: **Quéro-quéro**. Scenas crioulas. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1927. p. 123-129. Citações: p. 129.

crever sobre as virtudes e os defeitos de sua terra natal, Callage ressalta o “enfeitiçamento em que nos encontramos, ao perلustrar o nosso passado memoravel”, propondo-se a esboçar as manifestações do “genio tumultuario da raça”, ao longo de sua história de lutas. Ao percorrer a história do Rio Grande do Sul, o autor demonstra sua tese de que o destino do estado era a guerra, e retoma alguns dos temas tratados em “Alma heroica”. Está aqui acentuado, entretanto, o tom entusiástico com que celebra o passado gaúcho, e que o conduz a enunciar a tese da “missão histórica” do estado no contexto brasileiro: “o Rio Grande foi a defesa do Brasil inteiro, o para-choque de todas as contendas, a muralha que servia de alvo ao primeiro e ao último disparo”. Legitimando a Revolução Farroupilha como a revolta de um estado que sempre se sacrificara pelo país, mas que restava abandonado, a Revolução surge, no texto, como uma causa capaz de congregiar todo o estado como “uma única força mobilizada”, quando sabemos que a Revolução, na verdade, dividiu o estado. E, em sua interpretação, apenas através da guerra teria sido possível obter as vantagens conquistadas após a pacificação de 1845, o que retira do movimento rebelde o peso da derrota.³¹

Verdadeiro compêndio de exaltação do Rio Grande do Sul a partir de seu passado histórico, o texto de Callage, mais uma vez, transmite uma mensagem afinada com os novos horizontes da política do estado. Em “Alma heroica”, de 1920, vimos que o autor encerra seu texto com a invocação do espírito guerreiro para a resistência ao regime borgista, apesar do que seria o “commodismo moral” daquele tempo. “A bravura da raça”, por sua vez, explica o abatimento que teria acometido o povo gaúcho como um fenômeno natural: após muitas décadas de luta, haviam-se deprimido as forças que até então conduziam a vida do estado e, esgotadas suas energias, este teria sido lançado ao “subito adormecimento de acções” observado nos anos anteriores à Revolução Assisista. Sua avaliação do momento político contemporâneo não poderia ser mais alvissareira: “Passada, porém, a crise, o Rio Grande retomará a mesma trilha gloriosa que sempre palmilhou na historia. Temos para guardar e zelar um formidável acervo de tradições imperecíveis, de exemplos admiráveis de bravura, do brio e do heroismo gaúchescos tantas vezes postas á mais dura prova”. Falar do passado, diz o escritor, era o caminho correto para a projeção da história em direção do futuro. Este e outros textos de Callage ajudam a dar forma a esta reverência à memória histórica que, a partir de então, estabeleceu-

31 CALLAGE, Roque. A bravura da raça. In: **No fogão do gaúcho**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929. p. 89-102. Citações: p. 96, 98.

se como a principal corrente da produção cultural do Rio Grande do Sul, e que difundiu o que escritor chamou de “o culto de nós mesmos”: “culto elevado, culto superior, de filtração de erros, de falhas e defeitos, culto de elevada dignidade pessoal, que nos capacite das responsabilidades que nos peçam ao transmittirmos ao Rio Grande de amanhã o que ainda chegou até nós do Rio Grande de ontem...”³²

É neste espírito de expressão do entusiasmo coletivo pela pacificação do estado que Callage empenhou sua escrita na campanha presidencial de 1929, contexto histórico peculiar em que a representação do passado histórico do Rio Grande do Sul extrapolava suas fronteiras e passava a participar de um discurso voltado para a afirmação nacionalista, num momento de crise aguda do sistema político estabelecido durante a República Velha em que novos líderes sul-rio-grandenses alcançavam expressão nacional. A estética e a temática do regionalismo literário foram decisivas para a criação de um aparato ideológico que se articulou decisivamente com as forças políticas em disputa pelo poder.³³ O engajamento de Callage na campanha da Aliança Liberal começou a ser exercido através de sua coluna “A Cidade”, no Diário de Notícias. “Só se fala em sucessão presidencial”, escreve ele em julho de 1929, pretensamente reproduzindo diálogos ouvidos nos meios de sociabilidade de Porto Alegre, de acordo com o espírito da coluna de fornecer espaço à opinião pública, e também de interferir sobre ela.³⁴

O autor volta ao tema em outras edições do jornal, mas sua mais notável publicação sobre ele foi o livro “Episódios da Revolução”, em 1930. Como adverte o autor na introdução do texto, não se tratava de escrever a história dos eventos revolucionários, mas de narrar fatos marginais, não decisivos para a solução do conflito, mas que seriam representativos do espírito popular. Sendo estas narrativas formuladas a partir do modelo regionalista, repete-se aqui a fórmula de escrever o discurso histórico partindo da influência dos fatos de significação coletiva na vida de indivíduos comuns, que veem suas trajetórias mescladas às dos líderes, aos quais devem absoluta fidelidade. Estes – em especial, nesta obra, Batista Lusardo, “um dos mais bravos guerreiros da coxilha”, Flores da Cunha, “flôr de gaú-

“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage

147

32 CALLAGE, R. Op. cit. nota 31, p. 102.

33 Sobre este tema, ver LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Regionalismo e Modernismo**. São Paulo: Ática, 1978.

34 CALLAGE, Roque. Só se fala na sucessão presidencial. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 25/07/1929, p. 5.

cho”, e Oswaldo Aranha, “a alma da revolução”³⁵ – seriam capazes de congregar os homens do povo em torno de uma causa pública superior às suas vivências privadas. Como no livro sobre a Revolução Assisista, confere-se expressão a algumas das mais célebres teses sobre a identidade gauchesca, incorporando novos elementos conforme o contexto. Vemos aqui retomados temas como o da essência bélica da alma popular gaúcha, da vocação nacionalista do Rio Grande do Sul, de seu papel de vanguarda dos destinos brasileiros, de sua “missão histórica” estabelecida a partir da continuidade com os ancestrais, dos supremos valores da honra e da lealdade professados por seu povo, de sua capacidade de renúncia aos interesses próprios em favor de uma causa maior.

“Chamado mais uma vez entre tantas, cumpro o meu dever de soldado, tal como sempre fui na defeza permanente de todas as liberdades. Marcho, para frente, reatando a historia guerrilheira do meu fogão. Fui assim nas lutas iniciais do pago. Fui assim na delimitação das nossas fronteiras. Fui assim na campanha memoravel das Missões. Fui assim nas califórniyas de Chico Pedro. Fui assim na inegualavel epopéa de 35. Fui assim nas guerras da Cisplatina. Fui assim na guerra com o Paraguay. Fui assim em 93, esperando chegar a tempo de despertar o Brasil, arrancando-o com os meus irmãos de cruzada, da beira do abysmo em que o lançaram. Sou, como sempre fui, invariavelmente o mesmo. Sou o gaúcho riograndense.”³⁶

Um dos aspectos mais curiosos da construção deste livro é a valorização da guerra por si própria, como experiência capaz de abonar a conformidade do indivíduo com aquela que seria a característica distintiva de sua condição de gaúcho, o “instinto bellico” que configuraria o “traço psicologico do nosso povo”.³⁷ Em contraste com a dramaticidade do texto sobre a Revolução Assisista, parte significativa destas narrativas destaca-se pelo tom patético com que se registra o contraste entre o anseio popular pela participação na guerra e as reais necessidades de incorporação de novos soldados pelas forças revolucionárias que, afinal, não chegaram a encontrar a resistência que se esperava. Os exemplos citados são eloquentes: o jovem patriota que morre em combate depois de ter comprado a um conhecido um lugar entre as forças revolucionárias; o voluntário que, na ausência de vagas para novos combatentes, acusa a necessidade

35 CALLAGE, Roque. A alma da revolução. In: **Episodios da Revolução**. 3 a 24 de outubro de 1930. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930. p. 17-19. Lusardo, o destorcido... p. 57-59. O vencedor e os vencidos. p. 75-77.

36 CALLAGE, R. Terra redimida. In: Op. cit. nota 35, p. 11-16. Citação: p. 15-16.

37 CALLAGE, R. Entre crianças e mulheres. In: Op. cit. nota 35, p. 31-37. Citação: p. 37.

de “pistolão” para ingressar no efetivo de guerra; o jovem herói que aceita a ideia da mutilação, desde que ainda pudesse voltar à luta; o semblante contrafeito de toda a tropa, quando se divulga a “desoladora notícia” do fim da revolução. Afinal, escreve Callage, “o Rio Grande ia reviver no presente as velhas epopéas do passado e as glórias da sua história”.³⁸ O desejo de guerra mostra-se, assim, desproporcional em relação à própria guerra, como se os meios fossem superiores aos fins, o que explica a generalizada decepção em face da vitória rápida, incapaz de fornecer aos significativos contingentes de voluntários a experiência pela qual ansiavam. Callage anota este revés, que se expressa nos títulos “Desapontamento de guerreiros” e “Magoas de gaúcho”: “Desmobilizados agora, sem combater, sem terem sentido o cheiro da pólvora, sem terem defendido a bandeira liberal no fragor das linhas de fogo, esses destemidos representantes da raça, essa gente toda, regressa aos lares visivelmente contrafeita, e em lugar da alegria por se terem livrado do perigo levam nos olhos o desânimo dos derrotados”.³⁹ Encontra-se aí registrada a ânsia do Rio Grande do Sul por reviver o passado de glórias marciais que, crescentemente, tornava-se objeto de uma intensa produção literária, historiográfica e artística, difundida crescentemente pelos meios de comunicação de massa e pelo ensino cívico, e destinada a condicionar a vida cultural do estado pelas próximas décadas, a partir do elogio do “espírito da tradição” e do “sentimento da terra”⁴⁰.

Compreende-se, portanto, que a historiografia da vida intelectual do estado não deva se ocupar apenas em descrever, reconhecer e questionar as manifestações culturais fundamentadas pelos mitos da identidade gaúcha, mas também em observar sua contínua reatualização e sua operacionalidade, sobretudo nos momentos em que estes mitos são chamados a interferir junto à opinião pública como instrumentos de conformação de uma dada versão da história e do contemporâneo, e, mais do que isto, como elementos de um discurso de mobilização política. As consequências de uma ideologia não devem jamais ser menosprezadas, ainda que o contexto de sua produção pertença a um universo aparentemente estranho e distante em relação à realidade observada. Decerto, a criação cultural faz-se não apenas da reelaboração contínua da experiência, mas também de recorrências e lugares-comuns. E, neste sentido, o estudo da produção literária participa não apenas do reconhecimento dos espaços de desco-

*“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage*

149

38 CALLAGE, R. Desapontamento de guerreiros. In: Op. cit. nota 35, p. 79-81. Citação: p. 80.

39 CALLAGE, R. Magoas de gaúcho. In: Op. cit. nota 35, p. 83-86. Citação: p. 85.

40 CALLAGE, R. Factores da victoria. In: Op. cit. nota 35, p. 129-137. Citação: p. 132.

Luciana
Murari

150

berta, trânsito social e autonomia do sujeito, mas também do potencial mistificador contido neste discurso da identidade. Programaticamente devotado ao elogio da identidade regional, ele é de fato seu criador, ao passo que os canais de circulação da produção cultural encarregam-se de dinamizar e tornar recíprocas as relações entre a cultura popular e a cultura letrada. No caso sul-rio-grandense, o peso do passado sobre o imaginário gauchesco pode acabar, por vezes, conduzindo o intérprete a supor que a centralidade da guerra na conformação da identidade coletiva nada mais é do que uma decorrência inevitável da realidade histórica. Acreditamos ter demonstrado, a partir desta breve análise da obra de Roque Callage, como a guerra em si, como qualquer outro evento, pode ser significada de diversas maneiras e, sobretudo, como o diálogo com a história pode, de fato, mirar o presente e o futuro.

Recebido em 20 de agosto de 2009 / Aprovado em 22 de dezembro de 2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luciano Aronne de. **Getúlio Vargas: a construção de um mito** (1928-1930). Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARNASQUE, Clemenciano. **No pago**. Manchas pampeanas. 2ª ed. aumentada. Porto Alegre: Globo, 1926.

BRUM, Ceres Karam. **Esta terra tem dono**. Uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado em Antropologia Social. PPGAS/UFRGS, jan. 2005.

CALLAGE, Roque. **Terra gaúcha**. Scenas da vida riograndense. [Porto Alegre], s/e, 1914.

_____. **Terra Natal**. Aspectos e impressões do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920.

_____. **Rincão**. Scenas da vida gaúcha. Porto Alegre: Augusto Corrêa & Dania, 1921.

_____. **O drama das coxilhas**. Episódios da revolução riograndense – 1923. São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1923.

_____. **Rincão**. Scenas da vida gaúcha. 2ª ed. aumentada. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924.

_____. **Quéro-quéro**. Scenas crioulas. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1927.

_____. **No fogão do gaúcho**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929.

_____. Só se fala na sucessão presidencial. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 25/07/1929, p. 5.

_____. **Episodios da Revolução**. 3 a 24 de outubro de 1930. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930.

*“O gênio
tumultuário
da raça”:
guerra e
política no
discurso
histórico-
literário de
Roque Callage*

151

DELANTY, Gerard. **Modernity and postmodernity: knowledge, power and the self.** London: Sage, 2000.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Regionalismo e Modernismo.** O caso gaúcho. São Paulo: Ática, 1978.

LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAIA, João. **Pampa.** Episódios regionalistas. Porto Alegre: Globo, 1925.

Luciana
Murari

MURARI, Luciana. Água parada. O olhar da modernidade na ficção de Alcides Maya. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 34, p. 150-167, 2008.

152

_____. **Natureza e cultura no Brasil.** 1870-1922. São Paulo: Alameda; Fapesp, 2009.

THIESSE, Anne-Marie. **La modernisation du passé au XIX^e siècle.** Austin, 29 out. 2005. Disponível em: <http://www.utexas.edu/cola/insts/france-ut/archives/Fall2005/thiesse.pdf>. Acesso em 09/01/2009.